

## **CARRINHO DE ROLIMÃ E PEDAGOGIA DA AVENTURA: RISCANDO O ASFALTO**

***Jarbas Pereira Santos***

Especialista em Estudos do Lazer, Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES  
Especialista em Esportes e Atividades de Aventura, Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU  
Docente na Escola Estadual Professora Marilda de Oliveira - Brasil.  
jarbas.edfisica@gmail.com

***Marilda Teixeira Mendes***

Dra. em Educação Física, Universidade Católica de Brasília – UCB  
Docente no ICA da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Brasil.  
mteixeiramendes@yahoo.com.br

***Michela Abreu Francisco Alves***

Especialista em Atividade Física em Academia, Faculdades Integradas do Norte de Minas –  
FUNORTE, Brasil.  
michelaalves@yahoo.com.br

**Resumo:** A aventura é algo inerente ao ser humano, desde o início da sua existência como forma de sobrevivência, superação de limites, enfrentamento de desafios e aquisição de conhecimentos, onde se recria e reinventa atraindo cada vez mais adeptos. O presente estudo é um relato de experiência com o objetivo de apresentar o carrinho de rolimã como uma das ferramentas de educação para o lazer dentro dos esportes e atividades de aventura, das práticas corporais e pedagogia da aventura nas aulas de educação física na Escola Estadual Professora Marilda de Oliveira, distrito de Nova Esperança, Município de Montes Claros - MG. Pretendemos trazer reflexões sobre o surgimento e o resgate de um brinquedo construído que atravessa décadas e une gerações, das possibilidades educacionais interdisciplinares inseridas no ambiente escolar, da manifestação social e cultural que envolve a teoria e a prática. Percebemos que ao resgatar o carrinho de rolimã, não o deixamos desaparecer por completo, imprimindo um (re)significado e novas possibilidades de manifestações culturais de lazer, estabelecendo ligações e aproximações ao despertar o desejo nos indivíduos. O ato de construir o próprio brinquedo, baseado na pesquisa, historiografia, cálculo e desenho do projeto, discussões de aerodinâmica, tamanho dos rolamentos, sistemas de frenagem, material a ser utilizado, construção, equipamentos de proteção individuais, até a vivência da prática em si, com a descida da ladeira, acabam por agregar valores e significados aos alunos, professores, familiares e comunidade escolar, onde os saberes se complementam e difundem, na troca de experiências e aproximação de gerações.

**Palavras chave:** Carrinhos de rolimã; Educação para o lazer; Pedagogia da aventura.

## INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, surgiram novas formas de se aventurar, e os esportes e atividades de aventura a cada dia se recria e reinventa, atraindo cada vez mais adeptos. Na perspectiva de aventura um brinquedo vem se destacando ao longo das décadas, ganhando as ruas do país, unindo gerações, revelando histórias, se ressignificando e evoluindo de simples brinquedo a esporte genuinamente brasileiro.

O carrinho de rolimã, também é conhecido de acordo com a região, como carrinho de lomba (ladeira), carrinho de rolemã ou carrinho de rolamentos, onde até hoje divertem crianças, adolescentes e adultos, causando saudosismo por onde passa e imprimindo dentre as brincadeiras mais antigas o rótulo de ser o mais radical e divertido que se tem notícia no país (SANTOS *et al.*, 2018).

Para Vygotsky (2007) é por meio do brinquedo que a criança se apropria do mundo real, domina conhecimentos, se relaciona, se integra culturalmente, consegue ir além do seu comportamento habitual, atuando num nível superior ao que ela realmente se encontra e aprende a agir numa esfera cognitiva que depende de motivações internas, aprendendo a engajar-se seriamente, gratuitamente, pela atividade em si, adquirindo autonomia e socialização.

Para Franco (2010) é possível oferecer mais um conhecimento na escola, cujas vivências proporcionem sensações e experiências que atinjam emocionalmente e significativamente um jovem estudante, mesmo que sejam práticas apenas adaptadas às estruturas usuais das escolas, mas plenamente passíveis da ligação do “Saber” com o “Saber Fazer”.

A inter-relação entre saberes científicos e saberes populares que se encontram e dialogam na escola, podem através dos carrinhos de rolimã, culminar em uma proposta interdisciplinar acerca do ensino-aprendizagem, das práticas pedagógicas de aventura, das relações sociais, cognitivas e afetivas e das possibilidades de manifestações culturais de lazer no intuito de contribuir para formação do aluno.

O presente estudo é um relato de experiência com o objetivo de apresentar o carrinho de rolimã como uma das ferramentas de educação para o lazer dentro dos esportes e atividades de aventura, das práticas corporais e pedagogia da aventura nas aulas de educação física na Escola Estadual Professora Marilda de Oliveira, distrito de Nova Esperança, Município de Montes Claros - MG.

## Surgimento do carrinho de rolimã

O surgimento do carrinho de rolimã está associado de certa forma à História do Brasil e ao desenvolvimento e infraestrutura das ruas, em específico, das ruas asfaltadas. As ruas são espaços físicos e sociais que ao longo do tempo se tornaram uma ligação direta aos aspectos humanos, sejam sociais, culturais, políticos, econômicos e do lazer.

De acordo com Santos *et al.* (2016) o surgimento do carrinho de rolimã, também chamado de carrinho de rolemã, carrinho de rolamentos, carrinho de rodagem ou carrinho de lomba (ladeira), se deu no final dos anos 50 e início dos anos 60, período do governo Juscelino Kubitschek marcado pela modernização da sociedade e urbanização acelerada, também conhecido como “Anos Dourados”, em que registrou o mais expressivo crescimento da economia brasileira. Destacamos nesse período a chegada do automóvel, instalação de fábricas de automóveis, asfaltamento das ruas das capitais como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte e o crescimento das oficinas mecânicas, que dispensavam os rolamentos das transmissões devido a manutenção dos veículos da época.

Conforme Bernucci *et al.* (2008) acerca do asfaltamento das ruas, em 1955 entrou em funcionamento a fábrica de asfalto da Refinaria Presidente Bernardes da Petrobras em Cubatão - SP, com capacidade de 116.000t/ano. Em 1956, a indústria automobilística foi implantada no país. O governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) impulsionou o rodoviarismo aumentando sobremaneira a área pavimentada do país. Em 1958 e 1959, foram criados, respectivamente, o Instituto de Pesquisas Rodoviárias (IPR), no âmbito do CNPq, atuando em colaboração com o DNER, e a Associação Brasileira de Pavimentação (ABPv). Brasília foi inaugurada em 1960.

Dentre as indústrias automobilísticas temos a Vemag (Veículos e Máquinas Agrícolas S.A) empresa que iniciara suas atividades no ano de 1945, em que montava e distribuía automóveis e no final dos anos 50 produziu o primeiro carro fabricado no Brasil sob licença da fábrica alemã DKW (Dampf-Kraft-Wagen, que significa carro de força a vapor), e que na década de 60 utilizou em seus catálogos propaganda de um garoto e um carrinho de rolimã em alusão ao Chassi Super-Reforçado DKW-Vemag. A DKW associou-se à Volkswagen do Brasil em 1966 (GARCIA, 2019).



Fonte: Garcia, (2019). Propaganda Década de 60. Chassi Super-Reforçado DKW-Vemag e Carrinho de Rolimã.

Há quem diga que o carrinho de rolimã surgiu em oficinas mecânicas da época pela necessidade de acessar a parte de baixo dos veículos para manutenções, em primeiro momento todos os eixos fixos, depois o eixo dianteiro móvel para as descidas das ladeiras em que constituiu em um brinquedo para crianças consideradas de famílias de menor poder aquisitivo e há quem diga que o carrinho surgiu como cópia de brinquedos (réplicas) de carros de corridas da época e como nem todos tinham acesso, construía-se os de madeira e rolamentos para realizarem as competições (SANTOS *et al.*, 2016).



Fonte: Rolimã Brasil (2016)

Abaixo garotos se divertem disputando corrida de carrinhos de rolimã em 1972, conforme acervo de fotos (O ESTADÃO, 2018):



Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/galerias/brinquedos-antigos>

### Esportes e atividades de aventura na educação física escolar

Os esportes de aventura na escola vem embora timidamente recebendo atenção e interesse das diferentes áreas profissionais, e sendo inseridas no contexto escolar e universitário, como disciplinas optativas ou eletivas.

De acordo com Pereira e Ambrust (2010) a palavra aventura deriva do latim “*adventura*”, significando “o que está por vir”, nos remetendo ao desconhecido ou a algo imprevisível.

Aplicando de forma adequada os conteúdos da educação física, em atividades variadas, pautadas em propostas transversais, os professores podem atender às expectativas dos alunos, oferecendo um conhecimento que irá além do desenvolvimento de habilidades motoras (GUIMARÃES *et al.*, 2007). Os autores ainda relatam que o professor deve estar preparado para trabalhar de forma interdisciplinar, deve assumir uma postura acessível a novos conhecimentos e a novas abordagens. Esse trabalho não só favorece os alunos, mas também o próprio profissional, dando a ele a oportunidade de ampliar e relacionar os conteúdos de sua disciplina com novos conhecimentos.

Conforme Franco (2010) a Educação Física brasileira possui várias tendências, desde a tecnicista, passando pela psicomotricidade e saúde renovada, até chegar às tendências desenvolvimentista, às críticas, à construtivista e aos PCNs, (Darido, 2005), entre outras possíveis, cada qual com suas vantagens e desvantagens e com um conjunto de

conhecimentos possíveis de serem discutidos no ambiente escolar. No interior dessas tendências não é possível observar restrições quanto à inclusão dos esportes de aventura, sendo possível mais em uma, menos em outra, mas praticável em todas.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, a educação física oferece diversas possibilidades de saberes, que compreendem saberes corporais, experiências estéticas, emocionais, lúdicas e agonista, onde há três elementos fundamentais comuns às práticas corporais: movimento corporal como elemento essencial; organização interna (de maior ou menor grau), pautada por uma lógica específica; e produto cultural vinculado com o lazer/entretenimento e/ou o cuidado com o corpo e a saúde. A Base Nacional Comum Curricular também contempla as práticas de aventura como ferramenta de ensino-aprendizagem nas aulas de educação física (BRASIL, 2018, p. 211).

De acordo com Darido (2005), se pensarmos que, na escola, estamos ajudando a formar cidadãos autônomos e críticos, inseridos na sociedade, cabe a nossa área também proporcionar, ao futuro adulto, informações suficientes para a escolha de atividades que possam ocupar o tempo livre desse cidadão.

### **Pedagogia da aventura**

Pensar, a inserção da vivência de prática de esportes e atividades de aventura no âmbito escolar seria ilusório, enfim o que seria das crianças e adolescentes praticando algo que não é tão comum nas aulas de Educação Física? Por isso é interessante buscar uma variação das aulas de educação física escolar que a cada dia dar possibilidade de renovação, recriação e aprimoramento de seus conceitos, conteúdos e didática, objetivando a formação do aluno, enquanto ser social por meio de experiências antes nunca vivenciada.

Freire e Schwartz (2005) acreditam inclusive nessas práticas como possibilidades educacionais e formadoras dos cidadãos. O que nos remete aos profissionais e educadores que necessitam se apropriar dessa nova cultura para contextualizar seus conteúdos a nova realidade da educação física.

Pereira e Armbrust (2010) nos alerta que devemos treinar nossos olhos para localizar a possibilidade da prática de esportes e atividades de aventura com nossos alunos em locais normalmente desprezados e recriar condições de exploração do ambiente, fornecendo possibilidades motoras das mais diversas. Ao se falar em possibilidades de aproveitamento do ambiente escolar, não podemos deixar de destacar a possibilidade dos alunos vivenciarem as práticas esportivas de aventura em ambientes naturais ou externos aos limites da escola.

Na pedagogia da aventura também são abordados os quatro saberes propostos pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) que funcionam como pilares da educação nas sociedades contemporâneas que são: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver com os outros e aprender a ser (BRASIL, 2006).

A pedagogia da aventura atrelada à educação está intimamente ligada ao entendimento e estimulação das diferentes inteligências que podemos proporcionar através das experiências vividas em situações de aula (PEREIRA e AMBRUST, 2010).

De acordo com Coll (2000) e Darido (2005) ao nos referirmos aos conteúdos norteadores da educação física, devemos englobar as dimensões de conceito, atitudes e procedimentos, para permitir um aprendizado integral na prática pedagógica do ensino dos esportes e atividades de aventura.

Conforme Pereira e Ambrust (2010) acerca da prática pedagógica do ensino dos esportes e atividades de aventura baseados nas dimensões, temos:

As *dimensões conceituais* (fator e conhecimento) abordam os aspectos históricos das modalidades; locais da prática; equipamentos e manobras; objetivos e motivos de se praticar as modalidades.

Nas *dimensões procedimentais* (fazer e como fazer) destacam as técnicas de movimento; técnicas de segurança; processo pedagógico, adaptações necessárias do esporte para cada faixa etária e as condições da escola.

Para as *dimensões atitudinais* (valores e formação) devemos ter atenção, noção de regras, ética dos esportes; respeito às normas de segurança; ato de assumir o risco; relações sociais e psicológicas inerentes às práticas como coragem, liderança, trabalho em equipe, confiança, superação, entre outros.

Pereira e Ambrust (2010) ainda apresentam na pedagogia da aventura três momentos que devem estar inseridos no processo integral de desenvolvimento do aluno que são:

*Experimentação*: momento onde a curiosidade irá gerar os desafios.

*Resolução de problemas*: gerada a situação desafiadora, seja através de exercícios ou construção de jogos estimuladores, e indivíduos e grupos são instigados a resolver os problemas.

*Organização*: refinamento das resoluções através de elementos, situações e possibilidades. Onde a estrutura de organizações das habilidades motora, afetivos e sociais deve ser observada pelo professor no intuito de refinar algumas posturas corporais, conscientização dos praticantes e economia de energia.

É importante ressaltar que dentro dessa sistemática o aluno possa experimentar as mais variadas oportunidades de prática dentro da realidade da escola, é claro, serem capazes de resolver problemas inerentes as situações que irá encontrar e poder se organizar diante do desafio.

### **Carrinho de rolimã no contexto nacional e internacional**

Com o crescimento da prática do rolimã, a brincadeira voltou com força total pelos adultos, se transformando em um esporte, através de competições e formações de equipes competidoras, regulamentos, calendários, entre outros. Para tanto destacamos a união de praticantes e amantes do rolimã com o surgimento da Rolimã Brasil que possui organizadores de competições por todo o país com calendário de competições próprio.

O CNRB como é conhecido (Campeonato Nacional Rolimã Brasil), detêm um cronograma de competições como de um Grande Prêmio (GP), com cidades que sediam as competições, pontuações por estilos e categorias, divulgação de *Ranking* dos competidores, movimentando amantes do rolimã, preparam suas “máquinas” para competir em cidades vizinhas ou até mesmo em outros Estados da Federação. Atualmente somente os estados de Minas Gerais e São Paulo sediam competições pelo CNRB 2019 (podendo sofrer alterações), mas os Estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina sediam competições no pelo calendário de corridas gerais do Rolimã Brasil (ROLIMÃ BRASIL, 2019).

Os carrinhos ganharam inovações e de tradicionais (madeira e rolamentos) passaram a categorias em que tem estruturas metálicas e preocupação com a frenagem e aerodinâmica aumentando o nível dos eventos a cada ano. Para tanto, é necessário o uso de equipamentos de proteção individual, como capacetes e calçados fechados, luvas, vestuário resistente, joelheiras, cotoveleiras, caneleiras, protetores para ombros e coluna, uma vez que se busca descidas mais longas, íngremes e velozes para competições (SANTOS *et al.*, 2016).

Para Santos *et al.*, (2018) a verdade é que ao longo do tempo, o carrinho de rolimã, não desapareceu como um todo, sendo ressignificado atualmente como práticas de esportes, aventura e lazer, estabelecendo aproximações e ligações de gerações em torno de um brinquedo popular que até hoje desperta o desejo nas pessoas.

As competições e eventos de carrinhos de rolimã seguem um calendário anual fornecido pelos respectivos organizadores de cada estado brasileiro. Alguns movimentos de rolimã são já chegaram em alguns países como Argentina, Chile, Cuba, Inglaterra e Bélgica, que de certa forma crescem gradativamente a medida em que a apropriação do carrinho como

manifestação de aventura e lazer ganham o gosto de crianças, jovens e adultos. Em destaque cabe salientar o crescimento da participação feminina tanto em competições como na práticas de lazer com grupos ou família (SANTOS *et al.*, 2018 e ROLIMÃ BRASIL, 2019).

### **Projeto interdisciplinar na Escola Estadual Professora Marilda de Oliveira**

Ao verificar todo o contexto e possibilidades educacionais em torno de um brinquedo que atravessa décadas e une gerações, observamos que poderíamos implantar um trabalho interdisciplinar dentro do ambiente escolar acerca das práticas corporais e da aventura, envolvendo as demais disciplinas como História, Ciências, Geografia, Física, Matemática, Artes, Língua Portuguesa, entre outras, baseados em experiências em outras escolas já trabalhadas.

Santos e Rocha (2016) em seus estudos compararam os aspectos lúdicos nas crianças que brincam com brinquedos industrializados e brinquedos construídos a partir de materiais descartados e observaram quais os sentimentos desenvolvidos em cada tipo de brincar a partir de intervenções com os industrializados e os construídos. Embora o brinquedo industrializado sejam esteticamente mais elaborado, as crianças, aparentemente, se divertiram mais ao trabalharem com brinquedos construídos, o que sugere maior ludicidade, presumindo mais criatividade, socialização e consciência ambiental.

Em 2015 iniciamos o trabalho na Escola Estadual Professora Marilda de Oliveira, distrito de Nova Esperança, município de Montes Claros – MG, com a apresentação nas aulas de educação física dos carrinhos de rolimã aos alunos do Proeti – Projeto Educação em Tempo Integral, posteriormente em 2016 e 2017 aos alunos do turno Matutino (6º ao 9º ano – Ensino Fundamental Anos Finais) e Vespertino (1º ao 5º ano – Ensino Fundamental Anos Iniciais). Atualmente o carrinho de rolimã faz parte do conteúdo das aulas de educação física na referida escola, envolvendo também o Ensino Médio, onde desenvolvemos o projeto Festival Escolar de Carrinhos de Rolimã de Montes Claros.

O objetivo do projeto é através das práticas de aventura, trazer aproximação das gerações (alunos, pais, avós, responsáveis, professores e comunidade escolar) afim de oportunizar a educação para o lazer, incentivando e valorizando o brinquedo construído.

O projeto é realizado em diversas etapas, sendo a Primeira (discussões sobre as possibilidades do carrinho de rolimã como atividades de aventura, historiografia, pesquisas sobre modelos e apresentações de projetos de construção); Segunda (apresentação dos

carrinhos de rolimã construídos pelas equipes de alunos aos professores); Terceira (exposição na Feira de Ciências) e Quarta (encerramento com a Corrida de Carrinhos de Rolimã).

A pista adotada para a Corrida é vistoriada pelos professores de educação física, com o uso de carrinhos de rolimã e equipamentos de segurança necessários, para verificar as condições de pista na semana que antecede o evento. O regulamento da competição adotado está de acordo com o Regulamento da Rolimã Brasil.

### **Considerações finais**

O ato de construir o próprio brinquedo, baseado na pesquisa, historiografia, cálculo e desenho do projeto de carrinho, discussões de aerodinâmica, tamanho dos rolamentos, sistemas de frenagem, material a ser utilizado, construção, equipamentos de proteção individuais, até a vivência da prática em si, com a descida da ladeira, acabam por agregar valores e significados aos alunos, professores, familiares e comunidade, onde os saberes se complementam e difundem, na troca de experiências e aproximação de gerações.

Percebemos que ao resgatar o carrinho de rolimã na comunidade, não o deixando desaparecer como um todo, imprimindo um (re)significado e novas possibilidades de manifestações culturais de lazer, estabelecemos ligações em torno de um brinquedo construído e popular que até hoje desperta o desejo nas pessoas. Percebemos que o carrinho de rolimã não está somente nas corridas, já que todo o processo é envolvente e faz com que as crianças criem laços cada vez mais estreitos com a modalidade. Por serem feitos artesanalmente, os carrinhos de rolimã exigem dos praticantes bastante dedicação, além de criatividade, para inovar em design e materiais e também o companheirismo, principalmente quando brincam coletivamente. A graça toda da brincadeira é montar e personalizar o seu próprio carrinho.

Desse modo, podemos compreender que, a Pedagogia da Aventura em sua contribuição deve transformar a educação em desafio, em que a missão do professor é propor situações que estimulem a atividade reequilibradora do aluno, construtor do seu próprio conhecimento. Na arte de ensinar com seus métodos e técnicas de ensino é necessário apropriar-se dos saberes que ultrapassem a mera aquisição de informações, uma vez que abrangem a formação humana e social do indivíduo.

Através dos saberes, das práticas, métodos e princípios da educação podem exercer a prática de educar e ensinar pela aventura e ainda, direcionar no caminho da aprendizagem a busca do conhecimento.

A luz da busca da produção deste estudo constatamos que o carrinho de rolimã é uma das ferramentas de educação para o lazer dentro dos esportes e atividades de aventura, das práticas corporais e pedagogia da aventura que podem ser utilizadas nas aulas de educação física na Escola Estadual Professora Marilda de Oliveira, distrito de Nova Esperança, Município de Montes Claros - MG.

## REFERÊNCIAS

BERNUCCI, L. B.; MOTTA, L. M. G.; CERATTI, J. A. P.; SOARES, J. B. **Pavimentação asfáltica**: formação básica para engenheiros. Rio de Janeiro: Petrobras: ABEDA - Associação Brasileira das Empresas Distribuidoras de Asfaltos, 2008.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**. Educação Física. MEC/secretaria de Educação Básica. Brasília, 2018.

BRASIL. **Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.  
[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_02\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_02_internet.pdf).

CARDOZO, E. M. S.; NETO, J. V. C. **Os esportes de aventura da escola**: o slackline. In: V Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura, 2010, São Bernardo do Campo, SP. Anais do V Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura, p. 271-284.

COLL, C. Os conteúdos na educação física escolar. In: \_\_\_\_ *et. al.* **Os conteúdos na reforma**: ensino aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. Tradução Beatriz Afonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DARIDO, S. C. Os conteúdo da educação física na escola. In: \_\_\_\_; RANGEL, I. C. A. **Educação Física no ensino superior**: educação física na escola. Implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, cap. 5, p. 64-79, 2005.

FRANCO, L. C. P. **A adaptação das atividades de aventura na estrutura da escola**. Anais... 5º CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura. São Paulo: Editora Lexia, 2010.

FREIRE, M.; SCHWARTZ, G. M. **A caminhada na natureza nas aulas de educação física**: consolidando atitudes próativas. In: Coleção Pesquisa em Educação Física – n. 4, jun. 2005.

GARCIA, G. **A história da fábrica da DKW Vemag**. A História da Resolução N.1 do G.E.I.A - Grupo Executivo da Indústria Automobilística (GEIA), 2019. Disponível em <http://www.saopauloantiga.com.br/vemag-uma-fabrica-que-agoniza-no-tempo/>. Acesso em 01/03/2019.

GUIMARÃES, S. S. M.; MARTINS, I. C.; LUCENTINI, L.; CARBINATTO, M. V.; MOREIRA, W.W.; SIMÕES, R. **Educação física no ensino médio e as discussões sobre meio ambiente um encontro necessário**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 28, n. 3, p. 157-172, maio 2007.

O ESTADÃO. **Brinquedos antigos**: carrinho de rolimã. Acervo de Fotos. Revista eletrônica (2018). Disponível em <https://acervo.estadao.com.br/>. Acesso 28/12/2018.

PEREIRA, D. W.; AMBRUST, I. **Pedagogia da aventura**: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.

ROLIMÃ BRASIL. **Cenário das práticas de carrinho de rolimã na atualidade**: discussões e reflexões (2019), Disponível em <https://www.facebook.com/rolimabrasil/>. Acesso em 15/12/2018.

SANTOS, J. P.; MENDES, M. T.; ALVES, M. A. F.; MELO, G. F. **Carrinhos de rolimã como manifestação cultural de lazer**. 10º FEPEG - Fórum de Ensino Pesquisa e Extensão da Universidade Estadual de Montes Claros, UNIMONTES, 2016.

SANTOS, J. P.; MENDES, M. T.; ALVES, M. A. F.; SAMPAIO, T. M. V.; MELO, G. F. **Carrinho de rolimã como ferramenta de educação para o lazer**. Congresso Mundial de Lazer – Sesc São Paulo - Brasil, Ago/Set, 2018. Disponível em <https://2018wlccongress.sescsp.org.br/>. Acesso em 02/02/2019.

SANTOS, J. P.; ROCHA, W. S. **O lúdico na educação infantil**: brinquedo industrializado ou construído? Anais 10º FEPEG – Fórum Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão, Unimontes, Dez/2016. Disponível em [www.fepeg2016.unimontes.br/](http://www.fepeg2016.unimontes.br/). Acesso em 15/02/2019.

VIGOTSKY, L. S. **O papel do brinquedo no desenvolvimento**. In: VIGOTSKY, L. S.; COLE, M. (Co-aut.) A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 121-137.